

QUE FALEM OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Uma análise da Igreja moderna
sob a luz do cristianismo primitivo

David W. Bercot

Primeira Edição



www.LMSdobrasil.com.br

São Paulo – SP

LMS

2013

QUE FALEM OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Uma análise da Igreja moderna sob a luz do cristianismo primitivo

David W. Bercot

Traduzido com permissão expressa da Scroll Publishing Co. Todos os direitos reservados. O copyright© da edição original em inglês é mantido pela **Scroll Publishing Co., 22012 Indian Spring Tr., Amberson, PA 17210 USA. Fone: 717 340 7033 – www.scrollpublishing.com.**

A não ser que se indique o contrário, todas as citações bíblicas foram tiradas da versão Corrigida Fiel de João Ferreira de Almeida. Usado com permissão da Sociedade Bíblica Trinitariana.

Impresso no Brasil

Primeira impressão 2012, 1500 exemplares

Segunda impressão 2013, 3000 exemplares

Literatura Monte Sião do Brasil

Caixa Postal 241

Av. Zélia de Lima Rosa, 340

18550-970 Boituva – SP

Fone: 15-3264-1402

e-mail: LMSdobrasil@gmail.com

www.LMSdoBrasil.com.br

Tradução: Bravo Translations

Revisores: Charles e Faith Becker

Capa: Wilson Costa

Arte: *Christian Martyrs' last prayer* por Jean-Leon Gerome

ISBN: 978-85-64737-10-5

Copyright © 2012 Literatura Monte Sião do Brasil

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma — seja mecânico, eletrônico ou mediante fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Literatura Monte Sião do Brasil.

*À minha querida esposa,
Deborah*

Nota do Autor

Apesar de já haverem se passado vinte anos desde que este livro foi publicado pela primeira vez, eu diria que, se tivesse que escrevê-lo novamente, mudaria muito pouco em relação à edição atual. Assim, exceto por umas pequenas correções, esta nova edição em português (*Que Falem os Primeiros Cristãos*) é praticamente a mesma edição do livro original, no entanto, decidi adicionar o capítulo 17, no qual descrevo os diferentes movimentos que surgiram através da história para tentar restaurar o cristianismo primitivo.

—*David W. Bercot.*

Índice

Prefácio	vii
1. O prisioneiro	1
2. Quem foram os cristãos primitivos?	5
3. Cidadãos de outro reino	17
4. Certo e errado: apenas uma questão cultural?	29
5. Por que eles foram bem-sucedidos onde geralmente fracassamos?	47
6. O que eles criam quanto à salvação	63
7. Crença sobre predestinação e livre arbítrio	77
8. O significado do batismo para os cristãos primitivos	85
9. Prosperidade: bênção ou maldição?	91
10. O moralismo do Antigo Testamento ainda é válido?	99
11. Quem entende melhor os apóstolos?	109
12. Os ensinamentos dos apóstolos foram propositadamente alterados?	117
13. Como o cristianismo primitivo foi corrompido	129
14. Os últimos muros caem	143
15. O cristão mais influente de todos os tempos	149
16. A reforma foi uma volta ao cristianismo primitivo?	155
17. A busca pela restauração do cristianismo primitivo	163
18. O fogo anabatista	167
19. Mas o que tudo isso significa para nós?	175
Dicionário biográfico	183
Notas	189

“As Escrituras Sagradas são como um manancial que contém água da vida em abundância, assim como tudo o que é necessário para que o povo de Deus experimente a salvação... A voz e o testemunho da igreja primitiva são um guia e uma norma ministerial subordinada, que nos preservam e nos conduzem à interpretação correta de suas palavras.”

Prefácio

Tertuliano tentou animar um grupo de cristãos de sua congregação, que apodrecia numa masmorra romana, dizendo-lhes as seguintes palavras: “...A prisão faz para o cristão o mesmo papel que o deserto fez para o profeta. O próprio Jesus passou muito tempo sozinho, para que tivesse maior liberdade para orar e se manter afastado do mundo... Os pés não sentem as correntes quando a mente está no Céu.”

Este fragmento foi retirado do capítulo cinco, “Por que eles tiveram êxito onde nós fracassamos?” Na seção: “Um povo da cruz”. Embora seja um texto curto, nunca me esquecerei do impacto que causou em meu coração quando o li pela primeira vez. A frase de Tertuliano, “Os pés não sentem as correntes quando a mente está no céu”, ficou gravada em meu coração para sempre e, em minha opinião, ela resume a fé heroica dos cristãos primitivos, que viviam conforme as palavras ditas por Jesus: “*Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará*” (Lucas 9:23–24).

Em certos momentos, este livro me levou às ruas empoeiradas das cidades de Roma, Antioquia, Cartago e Alexandria, dos séculos II e III. Também me mostrou a fé simples e sincera dos cristãos primitivos, assim como sua estrita fidelidade aos ensinamentos dos apóstolos, sua constante disposição ao sacrifício e suas convicções radicais. Fui inspirado, desafiado e motivado.

David W. Bercot realizou um grande trabalho ao escrever este e outros livros sobre os escritos dos primeiros líderes cristãos, também chamados de “escritores patriarcais”. *Que Falem os Primeiros Cristãos* se tornou um livro essencial em minha biblioteca de pastor cristão, tão importante quanto o livro *A Dictionary of Early Christian Beliefs* (Um Dicionário das Crenças Cristãs Primitivas), outra obra formidável de Bercot.

Hoje sabemos que os autores patriarcais não eram escritores inspirados por Deus, como os apóstolos e profetas, e até cometeram alguns erros. A história e seus próprios escritos revelam que vários deles se perderam doutrinalmente em alguns assuntos. No entanto, é difícil não ficarmos fascinados por suas convicções e é aí que está o sucesso de *Que Falem os Primeiros Cristãos*, pois ele consegue captar o espírito da fé desses homens, desafiando nossa fé hoje.

No moderno mundo do século XXI, em que o cristianismo em muitos casos se transformou num mero produto comercial, sem convicções radicais, sem sacrifício pessoal, sem obras acompanhadas de fé, o livro *Que Falem os Primeiros Cristãos* é uma profunda fonte de inspiração para todos aqueles que buscam viver um cristianismo puro, sincero e simples como os primeiros discípulos de Jesus viveram e nós também somos chamados a viver. Se você é um desses, irá se apaixonar por este livro.

—Arturo V. Elizarrarás Rosales
Evangelista na Igreja Cristã do México, A. R. E Diretor da Escola de Capacitação Bíblica do México em Tlalnepantla, Estado do México.



O prisioneiro

A carruagem feita de grades cruzava as ruas de pedra de Esmirna e o prisioneiro podia ouvir os gritos da furiosa multidão que estava na arena. Cães farejadores seguiam o carro pelas ruas, latindo violentamente. Crianças de pele cor de oliva corriam pelas calçadas, com os olhos cheios de ansiedade. Ao longo do caminho, rostos sem nome paravam para espiar pela janela.

A carruagem se deteve diante dos sólidos muros da arena. O guarda arrancou o prisioneiro do veículo e o lançou bruscamente ao chão, como se fosse um saco de lixo, machucando sua perna.

Há semanas o público vinha pedindo a prisão e execução daquele homem. Mas ele não se parecia em nada com um criminoso — um homem idoso e de aparência frágil, com o rosto marcado pelas rugas. Tinha cabelos e barba tão brancos quanto as nuvens que enfeitavam o céu mediterrâneo naquela tarde. Enquanto o velho prisioneiro mancava até a arena sob a vigiância de guardas armados, espalhou-se pela multidão a notícia de que aquele homem era Policarpo, o criminoso vil que tinha sido sentenciado à morte. Seu crime? Ele era o líder local de um ritual supersticioso praticado por um grupo conhecido como “os cristãos”.

QUE FALEM OS PRIMEIROS CRISTÃOS

A multidão gritava com sede de sangue, enquanto os soldados levavam o prisioneiro para se apresentar diante do procônsul romano. Quando ele viu o velho mancando, corou de vergonha. Então aquele era o grande criminoso que havia causado tanto tumulto? Apenas um pobre velhinho?

O procônsul usava uma túnica cor de púrpura, que balançava com o vento. Ele se aproximou do velhinho e lhe disse em particular:

— O governo romano não faz guerra contra idosos. Simplesmente jure pela divindade de César e deixarei você ir.

— Não posso fazer isso.

— Então, ao menos grite: “Acabem com os ateus!” E isso será suficiente.

Ele disse isso porque muitos romanos acreditavam que os cristãos eram ateus, já que eles não tinham templos nem adoravam imagens.

O prisioneiro calmamente esticou seu braço enrugado, virou-se e apontou para a multidão cheia de ódio. Então, olhando fixamente para os céus, gritou:

— Acabem com os ateus!

A reação do prisioneiro surpreendeu o procônsul. Apesar de o velhote ter feito o que lhe fora pedido, o governador percebeu, pela reação da multidão, que a libertação de Policarpo estava fora de cogitação.

— Amaldiçoe a Jesus Cristo! — Exigiu ele.

Por um instante, Policarpo fixou seus penetrantes olhos castanhos no semblante inflexível do procônsul. Então, respondeu calmamente:

— Durante oitenta e seis anos tenho servido a Jesus e Ele nunca foi injusto comigo. Como, então, poderia eu amaldiçoar meu Rei e Salvador?

A multidão, incapaz de ouvir a conversa, estava ficando impaciente com a demora. O procônsul já estava ficando ansioso e pediu novamente ao prisioneiro:



— Jure pela divindade de César!

— Já que o senhor continua fingindo não saber o que eu sou, vou simplificar sua tarefa. Declaro, sem nenhuma vergonha, que sou um cristão. Se o senhor quiser aprender um pouco sobre as nossas crenças, marque um horário e eu lhe ensinarei.

O procônsul ficou muito irritado e respondeu bruscamente:

— Não tente *me* convencer, convença a *eles*! — Disse apontando para a multidão.

Policarpo olhou para os inúmeros rostos desconhecidos, que ansiavam pelo espetáculo sanguinolento a que vieram assistir.

— Não, não vou rebaixar os ensinamentos de Jesus tentando convencer essa gente!

O procônsul já muito irado, gritou:

—Você não sabe que tenho animais selvagens a minha disposição? Vou soltá-los imediatamente se você não se arrepender!

— Bem, então solte! — Respondeu Policarpo, sem qualquer vestígio de medo na voz. — Como eu poderia me arrepender de fazer o bem para fazer o mal?

O procônsul estava acostumado a amedrontar até os criminosos mais perigosos, mas não estava conseguindo assustar aquele velhote. Então replicou:

— Já que os animais selvagens não lhe assustam, saiba que você será queimado vivo se não renunciar a Jesus Cristo imediatamente!

Cheio do Espírito Santo, Policarpo irradiava alegria e confiança.

— O senhor me ameaça com um simples fogo que queima por uma hora e depois se apaga. Nunca ouviu falar do fogo do julgamento vindouro e do castigo eterno reservados para os ímpios? Por que está demorando tanto? Faça logo o que quiser comigo!

As coisas não saíram como o planejado. O procônsul deveria ser o grande vencedor e o prisioneiro deveria estar ajoelhado, implorando por misericórdia. Mas aquele prisioneiro, um idoso, havia vencido. O governador voltou ao seu assento, sentindo-se humilhado.



QUE FALEM OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Como a arena era muito grande, alguns mensageiros foram enviados a pontos específicos para anunciar o que Policarpo havia dito. Quando repetiram o que ele havia declarado, uma onda de fúria tomou conta da multidão. Fariam com ele o que *eles* quisessem!

Pularam de seus assentos e correram pelas saídas e corredores, clamando pela morte de Policarpo. Corriam como loucos pelas ruas da cidade, juntando todos os pedaços de madeira que pudessem encontrar. Assaltaram alguns estabelecimentos e roubaram até a lenha acumulada nos banheiros públicos. Então, voltaram apressados para a arena, com os braços cheios de lenha para a pira que o carrasco estava preparando. Eles empilharam a madeira em volta de uma estaca, onde os soldados amarravam os membros de Policarpo.

Mas Policarpo dizia calmamente aos soldados:

— Deixem-me como estou. Aquele que me dá força para suportar o fogo também me dará capacidade para ficar imóvel na fogueira sem que precisem me amarrar.

Depois de permitir que Policarpo orasse, os soldados atearam fogo à pira.

O povo de Esmirna acreditava que depois de queimar Policarpo apagaria seu nome da história, dando um fim àquela odiada superstição chamada cristianismo. Mas assim como o procônsul, eles subestimaram a vitalidade e a convicção dos cristãos. Pois em vez de intimidar os outros cristãos, a morte de Policarpo lhes trouxe inspiração. E em vez de desaparecer, o cristianismo cresceu ainda mais.

Ironicamente, o que os romanos não conseguiram fazer acabou sendo realizado pelos próprios cristãos. Hoje, pode-se dizer que o nome de Policarpo foi esquecido e que o cristianismo de seus dias é desconhecido para a maioria dos ocidentais.*





Quem foram os cristãos primitivos?

Ainda me lembro do meu professor de inglês da faculdade tentando me fazer compreender a importância de definir os termos em minhas dissertações. Embora eu não tenha dado a devida atenção às suas palavras naquela época, entendi o significado de sua advertência quando comecei a discutir sobre os cristãos primitivos com diferentes grupos. Uma das primeiras perguntas que eles geralmente me fazem é: “A quem você está se referindo quando diz ‘cristãos primitivos’?”

Então, deixe-me definir alguns termos. Quando eu digo “cristãos primitivos” estou me referindo aos cristãos que viveram entre o ano 90 d.C. e 199 d.C. O apóstolo João, por exemplo, ainda estava vivo no início desse período. A primeira geração de cristãos era de homens como Policarpo, que haviam sido evangelizados por um ou mais dos apóstolos de Jesus. O período terminou com o último homem que teve alguma ligação com o apóstolo João: Ireneu, um discípulo de Policarpo.

Quando uso o termo “cristianismo primitivo”, estou me referindo às crenças e costumes da comunidade dos cristãos primi-

tivos que mantinham laços de amizade e companheirismo uns com os outros. Não estou me referindo às crenças ou costumes de alguém classificado pela igreja como herege. Isto é, não estou me referindo a todo o campo de joio e trigo misturado, mas somente ao trigo (leia Mateus 13:24–30).¹

Apesar de este livro se focar mais nos cristãos que viveram no período citado acima, as doutrinas e costumes destes cristãos primitivos foram mantidos pelos cristãos que viveram no século seguinte. Por este motivo, a discussão a seguir vai incluir citações de autores que viveram entre 200 d.C. e 313 d.C., desde que seus ensinamentos convirjam com os ensinamentos dos cristãos que viveram no período logo após os apóstolos de Cristo.

Foram estes os “pais da igreja primitiva”?

Sempre que eu começo a falar sobre os cristãos primitivos, geralmente as pessoas me dizem: “Ah! você está falando sobre os pais da igreja primitiva, não é?” *Mas esses homens não foram os pais da igreja!* Eles eram, em sua maioria, homens simples, que trabalhavam duro e tinham uma educação rudimentar. Eles poderiam ficar revoltados se fossem chamados de pais da igreja, pois os únicos que reconheciam como pais da igreja eram os discípulos de Jesus.

Na verdade, o fato de esses escritores não serem pais da igreja é o que torna seus escritos tão valiosos. Se esses homens fossem grandes fundadores de teologia, seus escritos teriam um valor limitado para nós, já que eles simplesmente nos mostrariam quais doutrinas esses “fundadores teológicos” tinham desenvolvido. No entanto, eles não escreveram tratados teológicos. Na realidade, não podemos chamar ninguém da igreja do segundo século de teólogo, no sentido moderno, pois não existe uma teologia sistemática real na igreja pré-Constantino.



Em vez disso, os escritos dos cristãos primitivos consistem primariamente em: 1) obras apologéticas que explicam aos romanos e aos judeus as crenças cristãs universais; 2) obras defendendo o cristianismo apostólico contra os hereges; e 3) correspondências entre igrejas. Esses escritos são testemunho daquilo em que a igreja acreditava e praticava durante o período imediatamente após a morte dos apóstolos. Isso é o que torna seu valor incalculável.

Na verdade, a única pessoa durante todo o período entre 90 d.C. e 313 d.C. que podemos chamar de teólogo é Orígenes. Mas Orígenes não impunha sua opinião sobre os outros cristãos. Ao contrário, ele era o menos dogmático entre todos os escritores do cristianismo primitivo. Aquela era uma época em que ninguém era muito dogmático em assuntos que iam além das poucas doutrinas cristãs essenciais.

Uma das características mais notáveis do cristianismo primitivo é a carência de dogmas teológicos explicitamente definidos. Na verdade, quanto mais longe voltarmos na história do cristianismo, menos dogmas definidos iremos encontrar. No entanto, existiam algumas doutrinas e costumes comuns que todos os cristãos ortodoxos seguiam. O foco deste livro serão essas doutrinas e costumes universais.

Com esse propósito, não apresentarei nenhuma crença ou costume como sendo da igreja primitiva a menos que elas preencham os seguintes critérios:

- Todos os escritores cristãos que apresentaram o tema tenham o mesmo ponto de vista; e
- Ao menos cinco escritores do cristianismo primitivo de diferentes épocas e regiões geográficas tenham escrito sobre o assunto.

De fato, a maioria dos assuntos abordados neste livro tem como base o testemunho de mais do que cinco escritores.

